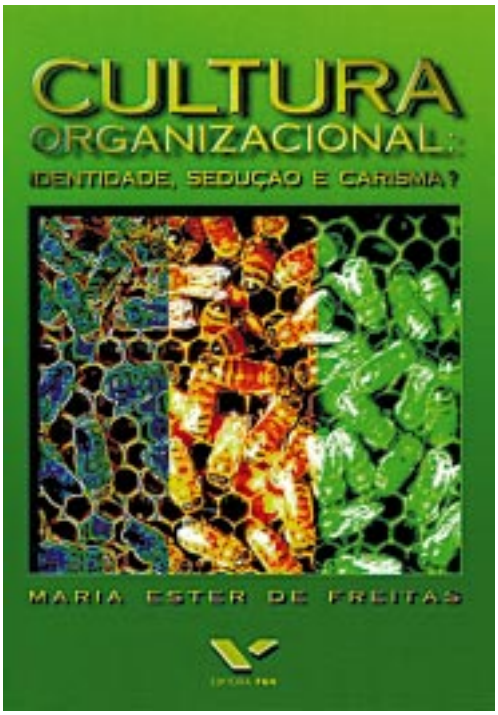


de **Maria Ester de Freitas**
Rio de Janeiro : Editora FGV, 1999. 180 p.

por **Maria Irene Stocco Betiol**, Doutora em Psicologia Social pela PUC-SP e
Professora do Departamento de Fundamentos Sociais e
Jurídicos da Administração da FGV/EAESP.
E-mail: betiol@fgvsp.br

Cultura organizacional: identidade, sedução e carisma? é um livro muito especial no conjunto da produção da professora Maria Ester de Freitas. De fato, trata-se de um texto adaptado da tese de doutorado da autora, apresentada na FGV/EAESP em 1997 com o título *Cultura organizacional*: *sedução & carisma?*

Maria Ester, que também é professora do Departamento de Administração Geral e Recursos Humanos da EAESP/FGV, é mestre e doutora em administração de empresas e tem pesquisado e publicado temas na área de Cultura Organizacional.

A autora propõe-se, nesse livro, a fazer uma análise "compreensiva" de caráter analítico-exploratório de um fenômeno social, o organizacional, pelo recorte e pela óptica do poder das organizações.

Na construção de seu argumento, que aborda a organização moderna num contexto de crise de identidade da sociedade mais ampla e de enfra-

quecimento das instituições tradicionais, a autora utiliza-se de um referencial teórico interdisciplinar e faz uso de estudos sociológicos, organizacionais, psicológicos, psicanalíticos e psicossociológicos.

Maria Ester opta por uma forma de olhar o fenômeno organizacional e não oculta do leitor seus interesses e, como ela própria afirma, seus conflitos diante da escolha, não temendo, porém, deixar-se revelar pelas escolhas feitas. Mostra como se constrói um modelo de "racionalidade instrumental", destituído de crítica, na formação do profissional cujo objetivo central é servir às organizações e fazê-las sobreviver. "E os seres humanos?", pergunta a autora, e ela mesma responde que estes não contam, pois têm obsolescência rápida.

Fundamenta seu argumento da crise de identidade das pessoas na sociedade atual, tecnológica, globalizada e acelerada que constrói um novo conceito de mudança cuja natureza é de violência e de desconstrução da identidade dos seres humanos.

Afirma que, à medida que os valores tradicionais da sociedade que ancoravam a estruturação da identidade foram sendo desconstruídos, a empresa moderna emergiu como o *locus* privilegiado e sedutor de suporte de identidade dos indivíduos, colocando-se como a solução para os problemas existenciais e como objeto de identificação.

Sendo "identidade" aqui entendida como um processo em constante transformação e resultante de múltiplas identificações, concordamos com a autora quando esta diz que a escolha de um único objeto de identificação – a empresa, como vínculo social exclusivo e principalmente idealizado – pode se transformar num risco, não só de natureza econômica, mas, e principalmente, de natureza psicopatológica, como bem exemplifica Aubert (1993) em seu estudo sobre a neurose profissional.

A autora não deixa, porém, de apontar que processos psicológicos inconscientes do próprio indivíduo são chamados a participar na construção de uma fantasia de onipotência e perenidade à semelhança daquela que é veiculada pela cultura organizacional.

Em vez de se utilizar do trabalho como uma possibilidade emancipatória, a identificação dos executivos "com a imagem grandiosa e sedutora da empresa" leva a um esvaziamento de significados internos e, acrescentaríamos, cedo ou tarde descamba em um adoecimento psíquico, função da perda do objeto idealizado, resultando ou num processo depressivo ou numa atitude cínica, como podemos analisar no belo trabalho de Dejours (1999) sobre a banalização da injustiça social.

Para a autora, não só os sujeitos estão em crise de identidade, mas também as empresas, pela miopia estratégica adotada, fruto de decisões que excluem o homem e que lhes oferecem um simulacro de processo sublimatório.

A ambigüidade que nos assalta diante dos argumentos expostos por Maria Ester é a de que, em relação às condições de pouca flexibilidade na questão do emprego em nossa sociedade, talvez devêssemos nos alegrar com a chance de podermos "ser seduzidos" pelas empresas.

No entanto, a autora afirma que ainda há esperanças: a crise pode ser, também, o caminho para a reconstrução de novas formas de aprendizagem de uma outra ética nas relações sociais, em que o ser humano e sua subjetividade poderão ser revalorizados.

O trabalho de Maria Ester é de indagação "do lugar do humano" em uma sociedade que tem investido mais no econômico e no tecnológico; é crítico e atual, de leitura agradável e ao mesmo tempo denso em conteúdo. A autora consegue navegar pelos diferentes referenciais teóricos com extrema competência, premiando-nos com uma primorosa bibliografia de origem francesa.

Esse livro é aconselhável a executivos, gerentes, professores e a todas as pessoas que tenham interesse em temas relacionados à Cultura Organizacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUBERT, N. A neurose profissional. *RAE – Revista de Administração de Empresas*, v. 33, n. 1, p. 84-105, jan./fev. 1993.

DEJOURS, C. *A banalização da injustiça social*. Rio de Janeiro : Editora FGV, 1999.

© 2001, RAE - Revista de Administração de Empresas / EAESP / FGV, São Paulo, Brasil.